

## UBUNTU: COLETIVIDADE E PERTENCIMENTO NA PRÁTICA DE CANTO CORAL

Maria Cristina de Oliveira Adriano <sup>1</sup>  
Fernanda Morales dos Santos Rios <sup>2</sup>  
Giovane do Nascimento <sup>3</sup>

### RESUMO

A prática do canto coral configura-se essencialmente como atividade musical de cunho coletivo, exercida e difundida em distintas culturas e etnias. O exercício dessa prática musical propicia o desenvolvimento de densa rede de configurações sociais e culturais, de modo que a valorização do indivíduo e da individualidade do outro passam a ser tecidas a partir da relação de respeito, comprometimento, cooperação e solidariedade. O canto coral, como prática musical na perspectiva da coletividade, reforça o sentimento de existência e de pertencimento ao fazer parte de algo em comum aos que exercem essa prática musical. Na prática coral, o entrecruzamento das vozes individuais dá lugar à harmonia, que só se torna possível mediante a dependência da voz do outro. Essa noção de coletividade, tão inerente ao canto coral, também pode ser vislumbrada por meio do caráter holístico inserido na ideia de Ubuntu, no qual a compreensão do todo sobrepõe a individualidade do ser fragmentado. Dessa forma, este ensaio, de natureza qualitativa e interdisciplinar, buscou promover diálogo acerca da prática coletiva do canto coral alinhada à noção de Ubuntu, presente na Filosofia Africana. Como objetivo geral, este estudo buscou compreender de que (quais) forma(s) o conceito de Ubuntu pode contribuir para a prática da música coral. O referencial teórico deste estudo delinea-se essencialmente a partir dos estudos de Ramose (1999; 2002) acerca da ética e da filosofia Ubuntu e da prática do canto coral (FUCCI AMATO, 2007; OLIVEIRA, 2016; MUHERA, 2021). Este trabalho traz um estudo ainda incipiente e, metodologicamente, baseia-se em uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório. A relevância deste estudo se dá pela interdisciplinaridade e originalidade quanto ao tema abordado.

**Palavras-chave:** Canto coral, Ubuntu, Filosofia Africana.

### INTRODUÇÃO

A música, no canto coral, no Brasil, passou por uma análise durante o século XX, tornando-se importante contribuição para a música, de modo geral. De acordo com Junker

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF; [cristinadriano@hotmail.com](mailto:cristinadriano@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, [moralesriosfernanda@gmail.com](mailto:moralesriosfernanda@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, [giovanedonascimento@gmail.com](mailto:giovanedonascimento@gmail.com).

(1999, p. 1), essa análise “(...) felizmente, não é discriminatória e se dá nos vários níveis sociais, dependendo apenas da iniciativa de algum agente societário, seja uma instituição, ou até mesmo indivíduos idealistas iniciadores da própria atividade coral”.

A África é uma evidência no dia a dia do brasileiro, por ser o Brasil “(...) um dos países mais diversificados do mundo, pelas misturas étnicas, culturais e a diversidade de pessoas que convivem no mesmo espaço” (SOUZA *et al.*, 2018, p. 3) sendo, dessa forma, impossível negar a prioridade e relevância da música de cultura africana. Durante uma atuação/ apresentação, ocorrerá uma “(...) intensa troca de saberes e fazeres musicais entre as partes envolvidas” (MUHERA; SILVA, 2021, p. 12), coral e público.

Tal prática proporciona concentração nas “ações e sentimentos individuais” que se transformará em algo “maior”: a coletividade por meio do comprometimento, do estudo das canções propostas, assim como da dedicação que se finda na atratividade “grupal” (AMATO, 2010, p. 621). O canto coral, como prática musical na perspectiva da coletividade, reforça o sentimento de existência e de pertencimento ao fazer parte de algo em comum aos que exercem tal prática musical.

Ao se falar de canto coral, faz-se necessário falar de cultura e de diversidade, trazendo a África para esse diálogo. A cultura e a diversidade são fatores de grande importância para a evolução da humanidade. O autor afirma que “(...) cultura é uma preocupação contemporânea bem viva nos tempos atuais” (SANTOS, 2017, p. 7). Diante desse contexto, as contribuições da Filosofia africana Ubuntu e da ética do Ubuntu reforçam a importância da coletividade em um grupo de canto coral e faz o indivíduo (re)pensar em sua humanidade unida à humanidade do outro, para que todos possam “ser” (RAMOSE, 1999, p. 4).

Nesse enfoque, as vozes são individuais que se harmonizam em prol do canto coletivo onde todas as vozes se tornam uma, e não há hegemonia a supremacia de uma voz que sufoca a outra, ou seja, em oposição ao interesse de buscar juntos uma sintonia, uma harmonia (RAMOSE, 1999). Dessa forma, o propósito do presente estudo é o de tecer comentários sobre a importância de se participar de um canto coral articulado com a prática do Ubuntu, como vivência nos ensaios e apresentações culturais.

Este ensaio, de natureza qualitativa e interdisciplinar, buscou promover o diálogo acerca da prática coletiva do canto coral alinhado à noção de Ubuntu presente na Filosofia Africana. Como objetivo geral, buscou compreender de que (quais) forma(s) o conceito de Ubuntu pode contribuir para a prática da música coral. Logo, a relevância deste estudo se dá pelo caráter interdisciplinar dado ao tema e por sua originalidade.

## METODOLOGIA

Este estudo, baseado em uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório, de natureza qualitativa e interdisciplinar, buscou promover um diálogo acerca da prática coletiva do canto coral alinhado à noção de Ubuntu presente na Filosofia Africana, que concerne a um horizonte epistemológico, promovendo conexão entre esses saberes (GIL, 2002).

## REFERENCIAL TEÓRICO

O canto, de modo geral, sempre fez e faz parte da história de vida das pessoas. Neste estudo, destaca-se o canto coletivo e o canto solo, e se faz menção à relevância do canto coral e aos coralistas que associam o grupo a “uma segunda família” (ATAÍDE, 2010, p. 40). Isso é sentimento de pertencimento, o que se aprende com o Ubuntu.

Nesse sentido, o canto coral é manifestação cultural quando pessoas, com os mesmos objetivos, porém de segmentos diferentes da sociedade, encontram-se para cantar juntos, seja em uníssono, a duas vozes, três ou quatro vozes, ou, simples, mas cheio de encanto, no fazer musical a *capella*. Tal atitude faz com que a cultura social e pessoal aconteça e seja expressa por meio de experiências e vivências musicais de cada um (JUNKER, 1999).

De acordo com Oliveira (2016, p. 7), “(...) trabalhos com grupos vocais, nas mais diversas modalidades, podem realizar um processo de integração entre os mais diferentes tipos de participantes pertencentes a diversas classes socioeconômicas e culturais”. Em outras palavras, todo aprendizado adquirido em um canto coral inspira mais interesse em apreciar uma apresentação artística, assim como eleva a motivação pessoal e interpessoal.

Ainda segundo o autor, o canto coral é extensivo a qualquer idade, classe social, raça, cor e nível escolar. Para Oliveira (2016), a música tem o significativo poder de estabelecer diálogo profundo entre homem, sociedade e cultura, fato que “(...) influencia na visão que o sujeito tem de si próprio e no desenvolvimento da sua sociabilidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 18).

Nesse sentido, Ramose (1999), sobre a Filosofia do Ubuntu, afirma que o “Ubuntu é a raiz da filosofia africana e a existência do africano no universo, e está inseparavelmente ancorada no ubuntu”. Dessa forma, ambos estão interligados e são únicos. O Ubuntu é comparado, pelo autor, a uma árvore do conhecimento africano e a um edifício e fundação da filosofia africana, nos quais tudo está englobado nessa sólida comparação (raiz da árvore, folhas, ramos), dando sentido de ser único, de que todos são um só como existência. Para dar mais clareza ao sentido de Ubuntu, Ramose (1999, p. 1) diz que a fundação, na qual a raiz está

cravada, á a construção dela, ou seja, dessa raíz, como sentido de continuidade, firme e inteira para além de sua dura realidade.

Nesse enfoque, a filosofia africana, por meio do Ubuntu, segundo Ramose (1999), apresenta ao indivíduo a consciência de que ele é parte de algo muito maior, por meio da essência de coletividade e de comunidade, o que sugere, ainda, o princípio do cuidado, da responsabilidade e do compartilhamento. Nesse sentido, Ramose (1999) contribue para que se possa trazer essa reflexão acerca da coletividade, a fim de somar, por meio da consciência e da ação que promove a coletividade e o pertencimento, à vivência musical de um grupo de pessoas que forma um canto coral, pois é por meio da coletividade que acontece a vivência comunidade e família, como meio de pensar no canto coral como grupo ligado à união, ao pertencimento e à solicitude. Por sua vez, o Ubuntu pode ser entendido como “ser humano (humanidade); resitável e de atitude cortesas... é o ser e o vir a ser” (RAMOSE, 1999, p. 1).

De acordo com Nascimento (2005), Ubuntu é uma palavra que está presente nos idiomas sul-africanos zulu e xosha, com significado de coletividade. Também é “humanidade para todos”, é a Filosofia do “Nós” contida em uma ética coletiva que só tem sentido se houver nexos “de pessoas com a vida, a natureza, o divino e as outras pessoas de forma comunitária”.

É o abrir mão do “eu” em prol do “nós”. A solicitude, ato de dividir o que se tem com o outro. O “partilhar”, preceito básico da ética do ubuntu, significa estar aberto e disponível para o outro, é a vivência por meio da singularidade em um mundo onde as pessoas se comportam de forma centralizada para dentro de si, o que o impede de ver que os outros também existem (NASCIMENTO, 2005, p. 29).

Nesse íterim, Nascimento (2005) traz a reflexão para a realidade brasileira. Quer dizer, para a realidade do país, que não é diferente desse modo de viver individual em relação ao outro. “No Brasil, onde preconceitos, discriminações e desigualdades raciais ainda são questões e desafios que enfrentamos cotidianamente”. Dessa forma, o autor sugere a ética e a filosofia Uubuntu como norte na contribuição acerca de questões sobre política que visam a promover a igualdade racial e o “seu significado para essa sociedade” (NASCIMENTO, 2005, p. 30).

O autor aborda ainda as ações afirmativas nesse contexto, que são pautas de políticas específicas de enfrentamento ao racismo, assim como a “discriminação e a desigualdade social”, que devem ser levadas em consideração, por se tratarem de questão política e de técnicas desenvolvidas por aqueles que lutam por emancipação, humanidade e reconhecimento, dentro das práticas de políticas e culturas em busca dos direitos e afirmação de identidade e, assim, almejam a diversidade e a igualdade, as práticas culturais. Por essa visão, percebem-se, nas Ações Afirmativas, a presença do Ubuntu (NASCIMENTO, 2005, p. 30).

Borges e Diallo (2020) afirmam que, no campo da filosofia africana, existe no Ubuntu e na ética do Ubuntu reflexão conectada aos Direitos Humanos. Isso é afirmado pelos autores no artigo “A Filosofia Africana do Ubuntu e os Direitos Humanos”. Segundo eles, essa filosofia sempre trouxe grandes reflexões para o campo da metafísica, epistemologia, filosofia moral, filosofia política e literária, pois a filosofia do Ubuntu coloca o ser humano no centro do mundo das inter-relações.

Porém, a visão ocidental sempre ofereceu relação de desprezo à cultura do povo africano, “como seres inferiores e selvagens”, portadores de cultura desvalorizada e ignorada pela “história da humanidade”. E assim a filosofia africana é implantada, com objetivo de afastar toda arrogância e prepotência imposta pelo “colonialismo, eurocentrismo e o racismo do ocidente” (BORGES; DIALLO, 2020, p. 6).

Segundo Ramose (1999, p. 5), o homem precisa ser moldado e ordenado. “Ao ser moldado, o ser torna-se então a realidade.[...] ser como condição possível para modelagem e ordenação é o que nós significamos como fragmentação do ser enquanto totalidade”, da coletividade que valoriza a integração, a união dos seres humanos sob todos os aspectos da vida. Assim, é preciso fincar uma bandeira em todos os territórios, pois “Eu sou porque nós somos”! Quem sabe, assim, possa se lembrar que existe o outro além do “Eu”. Existe um “Nós”.

Seguindo o diálogo sobre a música, outro autor vem contribuir para essa discussão. Segundo Winisk (1989, p. 13), “(...) a música fala ao mesmo tempo ao horizonte e ao vértice subjetivo de cada um, sem deixar reduzir às outras linguagens”. Sendo assim, a cultura musical não escolhe uma linguagem ou outra como melhor ou pior para aderir à sociedade no sentido cultural, pelo contrário, ela acolhe a todas as linguagens, afinal cada uma dá a sua contribuição para a sociedade.

Em um grupo de canto coral, de acordo com a ética do Ubuntu, é importante pensar e se comportar no sentido da totalidade, o grupo como um todo e não um grupo em subgrupos. Ramose (2002, p. 2) reforça esse pensamento: “Tudo que é percebido como um todo é sempre uma totalidade no sentido de que ex-iste e per-siste em direção ao que ainda está para ser”. Assim, cabe aos integrantes de um canto coral pensar no coletivo, na sua totalidade, buscando a essência do grupo, constituindo no sentido de, por meio de várias vozes, tornar-se uma só voz, o uníssono.

Além disso, o estudo sobre a cultura africana, a ética do Ubuntu, vem agregar valores a este artigo, pois, para Ramose (2002, p. 10), a ética pode ser entendida ou definida como “a ciência da moralidade” e está diretamente ligada ao comportamento do ser humano e como esse comportamento é demonstrado na prática, assim como pode ser definida também, de acordo

com o autor, sob uma segunda ótica: o significado de ética como filosofia. Desse modo, a atenção é direcionada ao comportamento moral de cada um e sua justificativa para tal, pois a ética Ubuntu “repousa sobre um sólido fundamento filosófico.”

À luz dos pressupostos teórico de Amato (2010), o canto coral é entendido em aspecto de coletividade, no qual acontece a busca pela prática musical, a socialização, o relacionamento pessoal e interpessoal, aprimoramento vocal, de ensino, de aprendizagem, assim como a “livre expressão de manifestações estéticas, artísticas, poéticas, de ideias e ideais” (AMATO, 2010, p. 619-620), nas mais variadas etnias e culturas.

O canto coral, como prática musical na perspectiva da coletividade, reforça o sentimento de existência e de pertencimento ao fazer parte de algo em comum aos que exercem essa prática musical, por estar sempre interligado ao Ubuntu. Nessa perspectiva, segundo Ramose (2002, p. 2), “Tudo que é percebido como um todo é sempre uma totalidade no sentido de que existe e persiste em direção ao que ainda está para ser”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na atividade de coral, o entrecruzamento das vozes individuais dá lugar à harmonia, que só se torna possível mediante à dependência da voz do outro. Essa noção de coletividade (tão inerente ao canto coral), também pode ser vislumbrada por meio do caráter holístico inserido na ideia de Ubuntu, no que se refere à compreensão do todo se sobrepondo à individualidade do ser fragmentado. A Filosofia e a Ética do Ubuntu vêm conscientizar o homem de que sozinho nada será neste mundo. É preciso, dessa forma, ser o “nós” e se desapegar do “eu”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O canto coral trás mudanças positivas na vida das pessoas que se entregam a essa arte vocal coletiva. Por meio dela, as pessoas, de qualquer idade, cor, raça, condição financeira e status social são igualmente abraçadas pelo carisma que existe em um grupo de canto coral. Uma das pesquisadoras deste trabalho, como profissional da área musical, é testemunha disso, por meio de relatos dos integrantes do coral regido por ela. A alegria é contagiosa, o desejo de que tudo dê certo é expresso em ações e reações coletivas. A Filosofia e a Ética do Ubuntu vieram somar e conscientizar coristas no que se refere à coletividade e ao sentimento de pertencer a algo tão precioso. A música, assim como o canto coral, tem seu papel de socializar, resgatar alguma cultura cantada, com a missão de “religiar o homem em sua essência divina”. Logo, não



existe o “feio ou bonito”. Nesse momento, o que importa é o indivíduo estar encorpado, unido a sua cultura, junto aos seus, pois a voz diz muito: ela expressa emoções internas do indivíduo. Diante do exposto, o canto coral trás e faz diferença na vida dos cantores coralísticos.

## REFERÊNCIAS

AMATO, R. de C. F. Cooperação e integração no canto coral. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, Goiânia. **Anais [...]** Goiânia: ABEM, 2010. p. 618-625.

ATAÍDE, S. de O. M. **Melhoria da qualidade de vida através do canto coral**. Monografia (Especialização em Arteterapia em Educação e Saúde) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

BORGES, G. S.; DIALLO, A. O. A filosofia africana do ubuntu e os direitos humanos. **Inter: revista de direito internacional e direitos humanos da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 49-66, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNKER, D. O movimento do canto coral no Brasil: breve perspectiva administrativa e histórica. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 12., 1999, [S.l.]. **Anais [...]** [S.l.]: ANPPOM, 1999.

MUHERA, M. A.; SILVA, V. A. P. A música coral africana: reelaboração e interpretação de cinco canções de quatro danças tradicionais moçambicanas para coros de vozes afins e mistos, a cappella e com acompanhamento. *In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 25., 2021, [S.l.]. **Anais [...]** [S.l.]: ABEM, 2021.

NASCIMENTO, A. Ubuntu o comum e as ações afirmativas. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 41, p. 29-36, 2005.

OLIVEIRA, A. R. C. de. **O Canto Coras e Suas Influências Socioculturais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.

RAMOSE, M. B. Aética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. *In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (eds). The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

RAMOSE, M. B. **African Philosophy trough Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999. p. 49-66.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SOUZA, I. C. de *et al.* Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA*,



DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 41., 2018, Rio de Janeiro.  
**Anais** [...] Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

WINISK, J. M. **O som e o sentido - Uma outra História da música.** 2. ed. São Paulo, 1989.